

DISCRIMINAÇÃO FONÊMICA NA AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LINGUA EM ADULTO – ESTUDO DE CASO

Phonemic discrimination in the adult second langue acquisition – case study

Beatriz dos Santos Carvalho⁽¹⁾, Renata Mancopes⁽¹⁾, Helena Bolli Mota⁽¹⁾

RESUMO

O objetivo é investigar a discriminação fonêmica para a segunda língua de um adulto falante de espanhol como língua materna e em aquisição do português brasileiro como segunda língua, a partir da percepção do próprio falante. Foi desenvolvido a partir de um estudo de caso, por meio da análise de conteúdo de uma entrevista semiestruturada. Após a transcrição ortográfica da entrevista, foi realizada leitura exaustiva e flutuante dos dados, buscando analisar o que se repetia no discurso do paciente. Evidenciaram-se alguns determinantes que apontaram para categorias discursivas de análise. Foram criadas cinco categorias e selecionadas 11 sequências discursivas para discussão. A partir destas sequências discursivas, evidenciou-se o importante papel da discriminação fonêmica no aprendizado da segunda língua, bem como a dificuldade em desenvolvê-la quando se trata de uma segunda língua em idade tardia, pois ela torna-se restrita, não natural. A discriminação fonêmica parece ser facilitada por algumas características do interlocutor, que tornam os traços acústicos mais salientes. Além disto, a alteração nesta habilidade pode gerar circunstâncias complexas na interação entre os pares. Quando há melhora na discriminação fonêmica, há melhora na produção e na compreensão da fala, evoluindo o domínio da língua e conseqüentemente a interação social. Os resultados permitiram observar que o melhor desenvolvimento da segunda língua parece acontecer quando a exposição a esta ocorre nos anos iniciais, pois ainda há grande plasticidade das habilidades auditivas e a discriminação fonêmica não está restrita sendo um indicativo de que o ensino formal da segunda língua e as habilidades de percepção deveriam ser estimuladas nesta fase.

DESCRITORES: Percepção da Fala; Percepção Auditiva; Multilinguismo

■ INTRODUÇÃO

A discriminação fonêmica é muito importante para a aquisição dos fonemas da língua materna (L1)¹. Ao nascer, o bebê já é capaz de detectar contrastes presentes em sons consonantais. Posteriormente, torna-se hábil em discriminar seletivamente os fonemas da língua a que está exposto, passando por uma reorganização perceptual para novos sons que é fundamental para o aprendizado da fala². O aprendizado dos sons da fala só ocorre quando há condições para que sejam discriminados uns dos

outros, o que proporciona unidades aceitáveis para a expressão verbal do pensamento³.

Estudo sugere que o uso da L1 afeta a percepção e a produção dos sons para além dos estágios iniciais da aquisição da segunda língua (L2)⁴. Não se sabe a idade ideal para se começar a aprender uma L2, mas há consenso sobre o maior sucesso do aprendiz vinculado ao maior tempo de exposição e maior experiência linguística com L2^{4,5}. Poucos aprendizes de L2 chegam a adquirir a língua alvo com domínio nativo ou com a mesma competência do que na L1⁵⁻⁷.

Um dos fatores que distingue a aquisição da L2 é que o aprendiz inicia esta tarefa já sabendo uma língua. Não se conhece exatamente qual papel a língua materna desempenha na L2, mas sabe-se que há maior disparidade na aquisição fonológica

⁽¹⁾ Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

Conflito de interesses: inexistente

de L2 em relação a L1 do que nos demais componentes da língua⁷. As línguas possuem inventários segmentais variados, e alguns segmentos da L2 podem não fazer parte do inventário da L1. Com isto, pode haver transferência da pronúncia da L1 para a L2⁷.

Como a aquisição da fonologia da L1 e da L2 parece ser diferente, podem ocorrer dificuldades do falante de L2 em função da sua representação subjacente da língua, por não saber o “alvo” nativo⁷. Com isto, é interessante questionar como fica a escuta do enunciado em L2 para um aprendiz. O termo escuta será utilizado neste trabalho numa perspectiva enunciativa, que significa perceber o que uma enunciação em singular evoca⁸.

Muitas vezes o aprendiz de uma L2 precisa aprender a produzir e a perceber alguns sons novos na aquisição da língua estrangeira⁷. O domínio de duas línguas faz com que o indivíduo tenha uma melhora no processamento auditivo, pois a exposição a uma segunda língua, a partir da experiência auditiva da percepção da fala, possibilita o aumento na velocidade e eficácia do processamento da informação auditiva⁶.

Assim, o objetivo deste artigo foi investigar a discriminação fonêmica para a L2 de um adulto falante de espanhol como L1 e em aquisição do português brasileiro como L2, a partir da percepção do próprio falante por meio de análise qualitativa.

■ APRESENTAÇÃO DO CASO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo de caso (CAE 19100713.8.0000.5346), de caráter transversal qualitativo, por meio de uma entrevista semiestruturada. A entrevista ocorreu no consultório fonoaudiológico, em horário diferenciado das sessões de atendimento, com duração de quarenta minutos. Foi realizada filmagem da entrevista, com posterior transcrição ortográfica dos dados. As perguntas foram pensadas a partir das observações feitas pelo paciente e fonoaudióloga durante as sessões de fonoterapia.

O paciente G. tinha 46 anos de idade no momento da entrevista. Ele é argentino e reside no Brasil desde 1996. É psicólogo e professor universitário. Buscou atendimento fonoaudiológico porque sentiu necessidade de melhorar sua comunicação: escuta e expressão, com os pacientes, alunos e no convívio familiar e social. No momento da entrevista, G. estava em fonoterapia há 13 meses.

A fonoterapia enfatizou num primeiro momento a aquisição de segmentos não pertencentes ao inventário fonético de G. ou aqueles em que houvesse uma grande ocorrência de processos fonológicos, por meio de atividades que envolvessem a

discriminação fonêmica para melhor percepção e discriminação do som e exercícios fonéticos para sua realização. Buscou-se colocar estes exercícios em assuntos do interesse do paciente, como música popular brasileira (MPB), poesias, notícias, palavras e frases com vocabulário específico da sua profissão ou de *hobbies*. Até o momento da entrevista, haviam sido trabalhados os fonemas fricativos [z], [ʃ] e [ʒ], as africadas [tʃ] e [dʒ], e as vogais abertas [ɛ] e [ɔ].

Para a análise qualitativa dos dados utilizou-se o proposto por Minayo e Sanches⁹, enfocando especialmente a análise de conteúdo, utilizada por outros autores^{10,11}. Assim, realizou-se leitura exaustiva e flutuante dos dados, buscando analisar o que se repetia no discurso do paciente. A partir disso, evidenciaram-se alguns determinantes no discurso de G. que apontaram para categorias discursivas de análise.

Foram criadas então cinco categorias discursivas de análise, quais sejam: criação de espaço para novos fonemas; discriminação fonêmica facilitada por características do interlocutor; dificuldades na discriminação fonêmica como geradora de circunstâncias complexas; melhora na discriminação fonêmica gera melhora na escuta; interação social determinada domínio da língua. Em cada uma destas categorias, elegeram-se as sequências discursivas (SD) que melhor caracterizavam a categoria, não respeitando a ordem da entrevista e sim didática de conteúdo.

A entrevista utilizada neste artigo foi realizada com o consentimento de G. que assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, consentindo com a realização e divulgação da pesquisa.

■ RESULTADOS

Apresentam-se a seguir as categorias e suas respectivas sequências discursivas.

Categoria 1: Criação de espaço para novos fonemas

SD1: De fato as palavras a gente aprende mesmo que mal, mesmo que sem discriminar os sons, né? É... os gestos a gente pode imitar. Uma coisa que é muito mais difícil é criar espaço para novos fonemas. E... gente que vive isto como algo natural, como respirar, como beber, a gente começa a falar e vive como um órgão, um órgão que faz parte de... do ser, vivo. E de um dia para outro falar **copo**, **escola** e falar **café** (palavras trabalhadas com as vogais abertas [ɔ] e [ɛ]) e... há que abrir um espaço. Um novo, um novo registro acústico, um novo traço psíquico para isso que aí, neste momento, a gente

consegue ver o nível de identificação necessário para incorporar o traço fonético.

SD2: (...) o momento forte eu diria, o momento inicial, [ɛ] (referindo-se a vogal aberta) “é pau, é pedra” (cantando a música Águas de Março, de Tom Jobim, utilizada na fonoterapia para discriminação fonêmica da vogal)... a partir daí começa a se situar um novo espaço para um fonema e por um período isto é... tem muita resso... ressonância, tem muita ressonância. A gente carrega este fonema por um período como mais importante que os outros e logo como que isso é assimilado e perde a importância.

SD3: Então eu vejo que se dá ciclicamente. Hoje tornou mais importância um fonema que talvez faz quatro meses atrás ou três meses atrás é... talvez era muito importante. Depois perde seu lugar porque vai se incorporando outras coisas e depois de um tempo... retorna...eu acho que ... forma um circuito de grau de que... nunca... nunca retorna com tanta força de como o dia que foi inscrito pela primeira vez. Eu acho que isso fica um tanto como histórico para a gente... fica um tanto como um tempo de, de muita potencia para a criação. Logo é... isso vai cedendo, com a prática rotineira, até incomodo as vezes de ter que prestar atenção a uma coisa que já não é natural para a gente, aprender os sons... fonemas... Mas depois é... às vezes retorna facinho, retorna a possibilidade de dominar.

Categoria 2: Discriminação fonêmica facilitada por características do interlocutor

SD1: (...) no primeiro momento a pessoa a única pessoa que eu achava que eu podia distinguir certos fonemas eras tu, como fonoaudióloga. Depois algumas pessoas tinham é... certa é... fonética, me pareceram alguns fonemas mais acentuados, mais claros. E assim isso foi abrindo, hoje em dia o leque digamos que é maior.

SD2: Eu acho que aquele traço, de identificação de fonemas que dependiam a princípio de identificação de alguma pessoa é... foi então é... se espalhando, né? Pelas outras pessoas que mostravam que tinham aquele traço fonético e aí se dá bem em uma questão de imitação, assim em imitar, assimilando os outros.

Categoria 3: Dificuldades na discriminação fonêmica como geradora de circunstâncias complexas

SD1: Tava tentando expressar um pouco a ideia... de quanto o universo... é... de uma determinada linguagem, neste caso, o português brasileiro, como tu diz... Se cria e... muitos exemplos que a gente trabalhou aqui: débito, crédito e quanta implicação pode ter nestas circunstâncias ou seja da compra e da venda me mostraram como o som

é... de uma é aberta ou fechada criam circunstâncias complexas dentro da sociedade.

SD2: Na coisa tão simples né, de que um açougueiro dê meia volta e faça buscar e faça seu trabalho de quando a gente diz costela (dito com [ɛ] fechado em vez de aberto) e que no caso de a gente não ter um bom domínio destes fonemas, a gente acaba tendo o açougueiro não como um açougueiro senão na função de um... professor. De alguém que tem que te orientar o qual... até provoca certa distorção dentro do ambiente. A gente passava para buscar uma costela para um churrasco e não passava para ter que estar avaliando o grau de dificuldade de inserção dentro da linguagem.

Categoria 4: Melhora na discriminação fonêmica gera melhora na escuta

SD1: Então comecei a perceber isto, em determinado momento, que mais valia escutar, mais valia, passar por uma... terapia fonética, para... corrigir, cuidar, cuidar o... o que eu podia escutar das pessoas. Porque comecei a escutar com mais respeito, com mais prazer, com mais dedicação quando consegui discriminar melhor os sons.

SD2: (...) e... nesse sentido de fato o grau de... de escuta, e o grau de intervenção que a gente tem faz com que é... possamos sentir-nos mais participativos do grupo enquanto assimilamos melhor a língua.

Categoria 5: Inserção social determinada pelo domínio da língua

SD1: (...) desse modo eu tive a possibilidade de trabalhar desde a fonoaudiologia, a possibilidade de entender que não se trata de um, uma característica do próprio ego, ou seja, meu ego no social se não que se trata, agora consigo discriminar, que são determinados fonemas, determinadas palavras que conseguindo melhorar na pronúncia, melhora radical a minha possibilidade de incorporação ou... ou de afastamento do grupo, depende a minha disposição na linguagem.

SD2: A língua falada aqui o português e... se protege, ou marca tenta é... situar em seu próprio espaço em que os fonemas que são corretos dentro dos, dos limites do, do tolerável e o que fica muito distorcido. Bom, eu aprendi que desconhecia muitos fonemas então... dá para perceber quanto que aquele que... vive o português como a língua mãe vai sentir parte de seu mundo, seu mundo linguístico, vai estar sendo agredido quando alguém não faz distinção entre os fonemas. Então eu acho que de algum modo dificulta porque... a gente não tem a ... a capacidade de, de inserção clara, natural, de participação e... a partir disso é, cria é, barreiras.

■ DISCUSSÃO

Durante os primeiros meses de vida, os bebês possuem a capacidade de discriminar entre a maioria dos contrastes fonéticos encontrados em todos os idiomas. Essa capacidade começa a declinar por volta dos seis meses, porque o sistema de percepção do bebê entra em sintonia com o *input* linguístico⁴. Para uma criança em aquisição da L1, a discriminação fonêmica ocorre de forma natural, não passiva e dependente da exposição a estímulos linguísticos complexos.

No entanto, o que chama a atenção nas SD1, 2 e 3 da categoria 1, é que, para a aquisição de L2 em idade adulta, a discriminação fonêmica não ocorre de forma natural. Ela é fruto de muita reflexão consciente sobre a língua, como explicita G.: “Uma coisa que é muito mais difícil é criar, espaço, para novos fonemas”.

De acordo com a teoria motora de percepção da fala, o indivíduo nasce com a capacidade inata de discriminar os sons de qualquer língua e relacioná-los com os movimentos articulatorios. No entanto, após a aquisição de L1, o indivíduo perderia parte desta capacidade, porque certas distinções não são relevantes em sua língua materna¹².

Assim, um indivíduo teria facilidade em discriminar os contrastes dos fonemas nativos, mas teria uma diminuição da habilidade de discriminar fonemas não nativos¹³. Isso explicaria porque a discriminação de novos fonemas da L2 torna-se mais difícil, não natural. Outra evidência disto é que crianças em aprendizagem da L1, em geral, não vivenciam o grau de experienciado por aprendizes de L2⁷.

A aquisição fonológica inicial ocorre de forma não linear. Há períodos de queda na curva ascendente do desenvolvimento com curtos momentos de regressão seguidos de uma retomada da aquisição, fenômeno conhecido como curva em “U”¹⁴. Acredita-se que este fenômeno ocorra porque a criança está passando por um período de reorganização linguística.

Este fenômeno pode justificar o que as SD2 e 3 da categoria 1 nos trazem. G. comenta que ao discriminar um novo som, esta descoberta passa por um período de maior ressonância, como se o fonema em questão fosse mais relevante, mais saliente acusticamente do que os demais fonemas. Depois de um tempo, o ouvinte “assimilaria” este fonema e ele deixaria de ser saliente, havendo uma queda em sua identificação. Mas, ao ouvir uma palavra onde o fonema em questão se destaque, essa discriminação retornaria, para então ficar estabilizada. Estudos⁴ mostram que é a experiência da aprendizagem fonética e não só o tempo em que

esta aprendizagem ocorre que determina a realização final na aprendizagem de fala de L2, sendo que o aprendizado continua até que a estabilidade seja alcançada.

A caracterização acústica da fala varia de acordo com a idade, o sexo e a identidade do locutor, bem como com o ritmo e a entonação da fala¹². Isto fica evidente nas SD1 e SD2 da categoria 2, em que G. demonstra que algumas pessoas tem em sua produção de fala traços fonéticos destacados. Com isto, torna-se mais fácil perceber e discriminar fonemas em algumas pessoas, e a partir desta discriminação inicial, espriar para os demais interlocutores.

Estudo demonstra que a percepção da fala e o reconhecimento da palavra falada são tipicamente realizados tomando como referência a voz do falante¹³. Sabe-se que o reconhecimento da palavra falada é afetado pela variabilidade do falante. Além disto, a voz de um falante influencia na memória de reconhecimento para palavras, bem como a familiaridade prévia e a experiência com uma voz em particular influencia a inteligibilidade da palavra.

Na SD1 da categoria 2, G. refere que inicialmente “a única pessoa que eu achava que eu podia distinguir certos fonemas eras tu, como fonoaudióloga”. Acredita-se que a facilidade inicial de discriminar fonemas na fala da terapeuta deva-se ao fato de que no momento da terapia, G. estava mais atento aos estímulos linguísticos e exposto a um ambiente controlado de linguagem. Além disso, a fonoaudióloga enfatizava os fonemas alvos em suas produções de fala, deixando-os com características acústicas mais salientes. E ainda, o paciente estava mais familiarizado com a sua voz.

Na L2, muitas vezes as produções inadequadas são frutos não de dificuldades articulatorias dos fonemas e sim de dificuldades em sua discriminação^{4,7}. Esta é outra diferença na aquisição de L1 e L2: enquanto a criança aprendiz de L1 conhece o alvo adulto, o aprendiz de L2 pode não saber, pois sua representação subjacente pode ser diferente da dos falantes nativos⁷.

Isto pode gerar circunstâncias complexas de convívio social, pois o locutor não percebe que sua produção não foi satisfatória, e com isso não entende a confusão de compreensão gerada no interlocutor.

G. citou vários exemplos durante a terapia fonoaudiológica em que isto acontecia. Por exemplo, quando pedia em um bar uma “coca-cola zero”, produzida como [koka kola sero] e não era compreendido. A falta de compreensão por parte do garçom era muitas vezes interpretada por G. como má vontade. Ou no exemplo da SD2 da categoria 3, onde o açougueiro tem dificuldade em entender o

seu pedido (uma costela, produzida como [kostela]) e passa a corrigir sua fala, distorcendo então na visão de G. sua função, de vendedor para professor da língua.

G. explicitou em vários momentos durante a fonoterapia que não percebia diferenças entre sua produção e a dos demais falantes. Por isto não entendia algumas das situações complexas que se criavam. A partir da fonoterapia, começou a distinguir essas diferenças, e com isto, pode compreender a complexidade das situações que extrapolavam a questão linguística, como coloca na SD1 categoria 3 (situação de venda: débito ou crédito). O fato de não produzir a vogal aberta [ɛ], fazia com que o interlocutor não compreendesse a qual das duas situações de venda ele se referia.

Ao melhorar a discriminação fonêmica e conseguir identificar novos fonemas na L2, houve melhora na escuta (como pode ser visto nas SD1 e SD2 da categoria 4) aqui utilizada no sentido de compreensão do enunciado de outra pessoa⁸. G. pode perceber os erros em sua produção e compreender melhor o discurso dos outros. Com isto, novas palavras foram acrescentadas ao vocabulário de L2 de G., houve interesse pelas gírias e frases de efeito, houve melhora em sua interação social.

Esse resultado é corroborado por pesquisa que afirma que há melhora nas habilidades auditivas a partir do aumento de experiências acústicas, exposição à L2, e à medida que são adquiridas as regras fonológicas da língua estudada⁶.

A dificuldade de inserção em um grupo social criada pela falta de domínio linguístico fica evidente nas SD1 e SD2 da categoria 5. Não tendo uma boa discriminação dos fonemas da L2, G. não consegue ter uma boa produção e não percebe sua produção inadequada. Também não consegue alcançar todo o significado linguístico do discurso de um interlocutor. Assim, não se faz compreender e não compreende bem. Fato este que até ser exposto a fonoterapia talvez não fosse percebido por ele, ou seja, pode ter estado a margem de várias situações linguísticas sem ter percebido.

Interessante observar o trecho da SD2 categoria 5 em que G. diz “A língua falada aqui o português e... se protege”. Isto remete aos conceitos linguísticos Saussurianos de signo¹⁵, composto por uma entidade que engloba um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Enfatizando que o signo só existe em funcionamento, enquanto valor, e que para Saussure a língua é um sistema de valores⁸. Os falantes do português brasileiro

como L1, não identificam as produções de G. (significante) como pertencentes à sua língua, e por isto não lhe atribuem um conceito (significado), não atribuindo um valor para suas produções. Com isto, eles “protegem” sua língua, não aceitando/reconhecendo modificações.

■ CONCLUSÃO

A partir do estudo qualitativo da amostra de fala do paciente G, fica evidente o importante papel da discriminação fonêmica na aquisição da L2. No entanto, demonstra-se a dificuldade dos aprendizes de uma nova língua na discriminação dos fonemas pertencentes a esta e não à sua língua materna. Isto se reflete na produção e na compreensão do discurso, pelo locutor e pelo interlocutor.

Acredita-se que os dados qualitativos aqui expostos venham embasar a Teoria Motora de Percepção da Fala, mostrando que a discriminação fonêmica, inicialmente inata, pertencente a uma Gramática Universal, vai sendo moldada pela L1 no primeiro ano de vida ficando restrita nos anos que se seguem, dependendo de sua inserção discursiva na comunicação entre pares.

Isto nos faz refletir tanto sobre o período ideal de exposição a uma L2, que parece ser nos anos iniciais, onde ainda há plasticidade na discriminação fonêmica, quanto sobre as formas de ensino formal de L2 em qualquer idade, que deveriam incluir atividades para melhoria da discriminação fonêmica dos segmentos pertencentes a esta língua. Com isto, evidencia-se também um novo campo de trabalho para os fonoaudiólogos, como facilitadores na aquisição de L2.

Para encerrar, volta-se a afirmar que poucas pesquisas atuais são encontradas sobre o tema discriminação fonêmica na aquisição de L2. No entanto, acredita-se que este assunto seja relevante para se compreender melhor a aquisição da linguagem, tanto de L1 como de L2, suas patologias e sua interface com o discurso e a inserção social do falante.

■ AGRADECIMENTOS

Agradecemos a G., sujeito desta pesquisa, por nos proporcionar tão grande aprendizado ao compartilhar conosco suas reflexões no processo de aprendizado da L2.

ABSTRACT

This article aims to investigate the discrimination of phonemes for second language of an adult who speaks Spanish as native language who is acquiring Brazilian Portuguese as second language, according to the perceptions of the speaker himself. The article was developed from a case study using a semi-structured interview. A comprehensive reading and skimming of data were performed following the orthographic transcription of the interview, seeking to analyze what was recurrent in the patient's speech. Some determinants were shown and pointed to discursive categories of analysis. Five categories were created and 11 discursive sequences were selected for discussion. Based on the discursive sequences it was possible to attest the importance of the discrimination of phonemes in the learning process of second language, as well as the difficulty of developing second language in late age because it becomes restrict and unnatural. The discrimination of phonemes seems to be facilitated by some characteristics presented by the interlocutor that make the acoustic traces more prominent. Furthermore, the change in this ability can generate complex circumstances in the interaction between the pairs. Once there is an improvement in the discrimination of phonemes, there is also an improvement in both the speech production and comprehension, facilitating the language domain and the social interaction between pairs. Results demonstrated that the a better development of second language seems to be associated to the early exposure to the second language because in the first infancy there is still a great plasticity of auditory skills and the discrimination of phonemes is not restrict indicating that the formal teaching of second language and the perceptual skills should be stimulated at this age range.

KEYWORDS: Speech Perception; Auditory Perception; Multilingualism

■ REFERÊNCIAS

1. Santos-Carvalho B, Mota HB, Keske-Soares, M. Teste de Figuras para Discriminação Fonêmica: uma proposta. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2008;13(3):207-17.
2. Attoni TM, Quintas VG, Mota HB. Avaliação do processamento auditivo e da discriminação fonêmica em crianças com desenvolvimento fonológico normal e desviante. *Braz J Otorhinolaryngol.* 2010;76(6):762-8.
3. Santos-Carvalho B, Mota HB, Keske-Soares M, Attoni TM. Habilidades de discriminação auditiva em crianças com desvios fonológicos evolutivos. *Pró-Fono R Atual Científica.* 2010;22(1):311-6.
4. Mora JC, Nadeu M. L2 effects on the perception and production of a native vowel contrast in early bilinguals. *International Journal of Bilingualism.* 2012;16:484-500.
5. Mattos AMA. A hipótese da gramática universal e a aquisição de segunda língua. *Rev. Est. Lig.* 2000;9(2):51-71.
6. Araújo LMM, Fenimam MR, Carvalho FRP, Lopes-Herrera AS. Ensino da Língua Inglesa: contribuições da fonética, fonologia e do processamento auditivo. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica.* 2010;22(3):183-8.
7. Hahn LH. Existe vocalização da lateral na aquisição do inglês como segunda língua? *Verba Volant.* 2011;2(11):97-114.
8. Surreaux LM, Deus VF. A especificidade da transcrição com base enunciativa na clínica fonoaudiológica. *Verba Volant.* 2010;1(1):110-20.
9. Minayo MCS, Sanches O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? *Cad. Saúde Públ.* 1993;9(3):239-48.
10. Susin FP, Bortolin V, Sukiennik R, Mancopes R, Barbosa LR. Perfil de pacientes com paralisia cerebral em uso de gastrostomia e efeitos nos cuidadores. *Rev CEFAC.* 2012;14(5):933-42.
11. Mancopes R, Cutolo LRA, Tesch D, Schultz F, Santos RBP, Mafatti R. Interdisciplinaridade na fonoaudiologia: a concepção do professor. *Rev CEFAC.* 2009;11(2):175-82.
12. Bishop M. Desenvolvimento da linguagem em crianças com estrutura ou funções anormais do aparelho fonador. In: Bishop M. *Desenvolvimento da Linguagem em Circunstâncias Excepcionais.* Rio de Janeiro: Revinter, 2002, p. 307-34.
13. Bent T, Pisoni DB. Comparison in Perceptions Between Speech and Nonspeech Signals. In: Ball MJ, Pekins MR, Müller N, Howard S. *The Handbook of Clinical Linguistics.* Blackwell Publishing Ltd. 2008.p. 400-11.

14. Keske-Soares MLL. A aquisição fonológica não-linear durante o processo terapêutico. Letras de Hoje. 2008;43(3):22-6.

15. Cunha RB. A relação significante e significado em Saussure. ReVEL. 2008(2):1-14.

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620150214>

Recebido em: 13/01/2014

Aceito em: 15/05/2014

Endereço para correspondência:

Beatriz dos Santos Carvalho

Rua das Margaridas, nº 119 – Bairro Ouro Verde

Santa Rosa – RS – Brasil

CEP: 98900-000

E-mail: fgabeatriz@yahoo.com.br